A. NEVES E SOUSA

MAHAMBA

POESIAS
1943 - 1949

MAHAMBA

Ao Nuno Gonçalves com
um grande abraço de a
do
Albano

Deste livro existem 50 exemplares
numerados á mão. Ilustrações do autor.

A

JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA
ANTÓNIO CORREIA DE FREITAS
TOMÁS VIEIRA DA CRUZ
RUY CINATTI E
ANTÓNIO LOUSADA

LANHAS

Desenho do Arquitecto FERNANDO LANHAS

PRECE

Aqui te peço Senhora da Nazaré
que nos valeste na Batalha da Ambuíla
que conserves Luanda como é...

Com os negrinhos apregoando dôce
e os panos das prêtas quintandeiras
a recortar-se vivos nas esquinas,
como as sombras chinezas verdadeiras...

Que conserves o ritmo sempre morno
da vida sonolenta dos muceques,
que haja quissanges sempre soluçando
e lavadeiras passeando com muleques...

Que guardes até quando eu voltar
os alegres pregões sem vaidade
da castanha de caju tão gostosa
como os velhos mexericos da cidade...

Aqui te peço Senhora que conserves,
o cheiro a poeira e a oleo de palma,
a tabaco, a asfalto e a peixe
a jornal, a cerveja e a calma...

Aqui te peço Senhora da Nazaré
que nos valeste na Batalha da Ambuíla
que conserves Luanda como é...

SENHORA DA NAZARÉ

Viste alturas de Asa em velas de galeão
Valores perdidos nas cores desvanecidas
das bandeiras tremulando pelo mato...

Viste embarques de escravos que gemiam,
Cintilações azuis de gumes impiedosos
e cruzes alçadas em mãos de missionários...

O Triunfo já foi, agora é esquecimento...
O Tempo sumiu, no album do ausente
Vozes e gestos coloridos que guardaste...

O Triunfo já foi, agora é esquecimento...
Feita velho monumento, vagamente observas
fitas de fumo no mar, profundo, em frente...

LUANDA

Ainda que não sinta mais nada
senão o vago aroma do que eras...
quero voltar a vêr-te,
com as tuas casas amarelas
e os tetos de côr esmaecida.

Ainda que não sinta mais nada
senão a dôr de teres mudado...
quero voltar a vêr-te:
muito embora cortassem as acácias
cujas pétalas vermelhas eram sonhos

Ainda que não sinta mais nada
senão o surdo rumor das tuas noites
quero voltar a vêr-te,
e o que sentirei, será, confusamente,
num sonho do presente a vida do passado.

RUA DO SOL

Rua do Sol, ao Cazuno
barrocas da côr da oca
chaminés deitando fumo
e as lavadeiras passando
a roupa da côr da neve
com mãos da côr do carvão...
Era lá que ela morava,
a mocinha que eu gostava;
Em Luanda, na cidade,
numa rua sem interesse
banhada de claridade...
Chaminés deitando fumo
cozinheiros cachimbando...
Era lá que ela morava
Rua do Sol, ao Cazuno.

CONGO

Morreram duma vez os que descreram
das paisagens reaís que contemplaram
das altas regiões donde desceram
não entenderam o bem que desvendaram

Buscaram mais além outras batalhas
levantaram bandeiras noutras Aras
e suas cabeças sangrando sobre varas
com sangue quente selaram suas falhas

MAIOMBE

Maiombe, Maiombe, terra do Sol e do Fogo
onde o oiro dorme imundo e puro!

Ópio de esperanças, inferno e paraiso
onde cada árvore ri de cada esfôrço
onde ávidas mãos rasgam as moradas
dos que ficam dormindo na Floresta.

Onde cada sonhador de olhos ausentes
caminha para o Final por veios de Oiro.
Riqueza que enriquece de tristeza
as formas imprecisas da Anciedade!

Maiombe, Maiombe, terra do Sol e do Fogo
onde o oiro dorme imundo e puro!

MASSANGANO

Quando a noite desce, em Massangano
os mortos erguem vozes dos covais
gritando dores de morto desengano...

Dentre as ruínas esguias, as visões
alongam braços de treva descarnada,
e sons de orgão na igreja abandonada
rangem oiro e sangue aos borbotões!

Ramos de cruzes, grilhões de prisioneiros
canhões de aventura e sonhos legendários
ressurgem estes mundos visionários
da memória dos antigos pioneiros.

E o vento Sul melancólico e vibrante
leva envolta em si a nostalgia
do burgo antigo presente mas distante.

MUXIMA — A IGREJA

Senhora da Muxima, coração da Quissama
o sol forte da tarde fere angustiado
a forma irregular da tua Igreja!

A muitos que semearam, frutos não vieram...
A alguns que choram não basta já o pranto!
Senhora da Muxima, Oração dos Aflitos!

A muitos que te pedem, tardas com alento...
A alguns que te anseiam, ainda não chegaste.
Senhora da Muxima, Oração dos Aflitos!

Senhora do Deserto, tua gente implora
Tua gente espera, sedenta de milagres
Senhora da Muxima, Oração dos Aflitos!

Senhora da Muxima coração da Quissama
o sol forte da tarde fere angustiado
a forma irregular da tua igreja!

MUXIMA - A FORTALEZA

A fortaleza de porta escancarada
é uma festa radiante de trombetas
aos esqueletos brancos que ficaram
na poeira das margens deste Rio.

Partiram todos, só ficou o eco
nas sombras desfraldadadas do extinto.

Eram herois e eram já fantasmas
quando desceram na sombra dos Palmares,
sem ter suporte algum senão a espada
para arrimo nas horas de incerteza.

O Sonho, é por verdade onde não há
senão o deserto e sol e medo de perder...

NA ILHA DE S. TOMÉ

Na Ilha do Nome Santo o sol é todo fôgo;
e seus raios, tremendo, pingam sobre a terra
como gotas de côr coloridas de assombro
a derramar-se ardendo por entre o cafezal.

Na ilha do Nome Santo o sol é de silêncio
sobre a paisagem verde que ainda grita
o desespero de fugas pelo óbó, bravo
entre sombras que desenham corpos nús.

Na ilha do Nome Santo o sol é uma espada;
rasgando a floresta que sangra pelos bagos
do café vermelho na sombra mal distinta
onde o negro cantando se curva sobre a enxada.

CARNAVAL DE LUANDA

Carnaval negro, ruidoso;
Carnaval triste, batucada...
Fogo fátuo de alegria.

Batuque batendo, tendo
um ritmo de Carnaval
jogralesco, insatisfeito
batuque batendo, tendo
um ritmo de Carnaval...

Fogos presos estoirando
Jardins na areia, palmeiras
Carnaval feito retalhos...

«Chegaro os arrenegado
Vamos botá eles no má
Já está qui o nosso Rei,
Ponha fogo no rastio
Nosso Rei vai pelejá».

Tudo cantando tristonho
uma raça sem ventura
que a sorte abandonou.

«Chegaro os arrenegado
Vamos botá eles no má
Já está qui o nosso Rei,
Ponha fogo no rastio
Nosso Rei vai pelejá».

Jardins na areia, palmeiras
fogo fátuo de alegria
Carnaval, feito retalhos...

ANA CABINDA

Ana Cabinda morava no muceque Prendá.

lavando roupa, cantando sempre,
Ana Cabinda uma noite virou doida
cantando alto, cantando sempre.

Chegou correndo até no Caribala
bebeu quinhentas de vinto tinto
cantou cantigas velhas da terra...
Depois, desafiou a noite com um grito
lançou-se desordenada pelo escuro
e saltou do alto mais alto da barroca
para o vazio negro como a sua vida
chorando alto, cantando sempre.

Assim morreu aquela negra lavadeira
chorando alto, chorando sempre
Aquela negra cabinda do muceque Prenda.

HAMBA, MAHAMBA

O quimbanda está batendo
nan'goma que só ele sabe...
qualquer coisa está chegando
com mãos de frio cacimbo...
Feitiço! Hamba, mahamba!

Chirulos estão chegando do muxito
uivando como cachorros...
como vendaval desfeito;
sôbre as paredes queimadas...
Hamba, mahambá! Feitiço

As estrelas são mil olhos
de pequenos cazumbiri

Feitiço! Hamba, mahamba!

....

...Enquanto os sapos, no brejo
coaxam como marimbas,
estão passando corropios
de coisas que se não vêem...

MUQUIXE

(Izaluqui, símbolo da loucura)

O éco desdobra-se como um harmónio
através do negrume que se rasga todo...

Izaluqui dança! Dança mascarado.

O batuque, é gritar sem compasso
a que a noite se curva gemendo,
para guiar novo rumo ao seu passo
descompassado, que perpassa correndo.

Izaluqui dança! Dança mascarado.

Com sua máscara como a face dum demónio
através do negrume que se rasga todo...

MUANA-PÓ (JUVENTUDE)

Muana-Pó, ah Muana-Pó
a lua veio ao terreiro
Muana-Pó, ah Muana-Pó!

Ai, as marimbas cantando
Ah Muana-Pó, Muana-Pó,
cantigas que vens bailando...

Trazes guizos nos artelhos
Ah Muana-Pó, Muana-Pó
ao pé de ti nem há velhos...

Trazes pano de pintado
Ah Muana-Pó, Muana-Pó
rangendo de tão gomado...

Trazes caudas de palanca
Ah Muana-Pó, Muana-Pó
presas à roda da anca...

Trazes passos de veludo
Ah Muana-Pó, Muana-Pó
passas por cima de tudo...

a banza veio ao terreiro
Ah Muana-Pó, Muana-Pó
ver o teu passo brejeiro...

As marimbas estão chorando
Ah Muana-Pó, Muana-Pó
Porque não ficas dançando...

Muana-Pó ah Muana-Pó
a Lua veio ao terreiro
Muana-Pó ah Muana-Pó.

CHORO

Choro: prantos através da noite
da noite sem brilho nêgra e chata
aberta ao uivo de todos os ventos.

Pranto: choros através da noite
da noite sem sonhos adentro da mata
dos vagos longínquos, chirulos cinzentos.

Ah Taté ietu.....Tatié!

As bocas bêbedas, bêbedas de dor
abrem chagas de som pela noite fora.

As fogueiras doiradas lucilando côr
sangram raivas esguias nesta hora.

Ah Taté ietu.....Tatié.

MARIMBA

Nos brejos estagnados cantam sapos
marimba sonolenta batucando
Tico-Tico Tem Tem Tem...
Uiva o chacal a noite contínua
mirando-se negra no rio encalmado.

Marimba sonolenta pontilhando som
pelos longes espraiados do sertão
Tico-Tico Tem Tem Tem...
Abre a flor no charco estrelas de oiro
iguais às do céu por uma pena...

Nos brejos estagnados cantam sapos
Marimba sonolenta batucando
Tico-Tico Tem Tem Tem...
afinados todos juntos afinados
todos juntos afinados tresnoitados.

TAMBOR

Canta tambor, rufa tambor
sensual, quente, grita e clama
que uma só hora de amor
queima a vida numa chama

Não há voz mais pura
para embalar cantos de amor
que a voz quente do tambor
batucando a noite escura...

Canta tambor, rufa tambor
sensual, quente grita e clama
que uma só hora de amor
queima a vida numa chama

BATUQUE

Batuque na sombra, sombra
rasgado pelas fogueiras.

Cantar de chingufos
rugidas de gomas
e palmas batendo
no ritmo candente
dos olhos que passam
depressa rodando
nos corpos bailando.
Pancadas compridas
cantigas doridas
das bocas se erguendo
na luz fatigada
vermelha e doirada
na sombra rasgada
que vem e que volta
rufando chingufos
no ritmo candente
dos corpos rodando...

Batuque na sombra, sombra
rasgada pelas fogueiras...

QUISSANGE

Três noites, três sonhos,
Três notas de quissange
o Sol, brilhando duro
a escaldar o vento;
a noite à luz da lua
ardendo em fantasia...

....
....

e eu só, pressinto já
a tempestade;
enquanto a luz da lua
e cariciante...
três flores, três cores
Três notas de quissange.

O CAÇADOR

Aqui—o caçador no chão:
a morte o pegou bem cedo.
Inene... Inene...
e as flores de labareda
são o seu sangue vermelho.

Jáz o monstro destruido
nas "muximas" da pacaça.
Inene... Inene...
Naquele plaino verdejante...
naquele plaino imenso, imenso!

Aqui o caçador no chão,
no chão de rubro pintado;
Inene... Inene...
enfeitado de flores
por a sua vida perdida.

As flores crescendo no chão...
ai; crescendo como gritos
Inene... Inene...
ai; crescendo sem sentido...
naquele plaino imenso, imenso...

VENTO

Em Junho vem o vento das anharas
arrancar as flores
Em Junho vem o sôpro das queimadas
enegrecer a terra.

Quando o mato repousa já cansado,
amortalhado nas suas próprias cinzas
o Vento
arranca da floresta cinzenta e titânica
dos imbondeiros entorpecidos,
os derradeiros ninhos.
Então, fica tudo em solidão enorme
e os meus sonhos
doridos na dor de tanta dor incerta.

Também são varridas pelo vento!

FEKA YANGUE

"Feka yangue" negra e cor de chama
a cintilar da luz sinistra de fogueiras:

Quero fugir para ti a construir quimeras
com pedras de ametistas e canticos purpúreos
que possa ligar com o cimento inconsistente
das ilusões que perdi e foram amassadas
com o sal das minhas lágrimas e palavras
fugitivas dos meus ardentes lábios.
Quero fugir para ti e ir navegar de novo
nas sombrias águas do Dilolo de Tormentas
onde o sabor da lenda se une à treva
para construir a barca das loucuras
em que desejara embarcar meu corpo ausente

"Feka yangue" negra e cor de chama
a cintilar da luz sinistra de fogueiras.

(Feka yangue
Minha Terra)

EKUMBIRIANDA

(acabou o sol)

Suku yangue, suku yangue!
cantiga de tipoeiros
descalços pelos caminhos!
cantiga de tipoeiros,
todos juntos e sósinhos.

Suku yangue, suku yangue!
cantando o mesmo destino,
pelos caminhos deixando
as sombras longas, perdidas
dos passos que vão lançando
cantando o mesmo destino.

Suku yangue, Suku yangue
cantigas ao vento Norte
perdidas no horizonte
cantigas que vão para a morte
dum mundo sem horizonte!...

(Suku yangue!
oh meu Deus.)

EKUMBIRIANDA

(acabou o sol)

Suku yangue, suku yangue!
cantiga de tipoeiros
descalços pelos caminhos!
cantiga de tipoeiros,
todos juntos e sósinhos.

Suku yangue, suku yangue!
cantando o mesmo destino,
pelos caminhos deixando
as sombras longas, perdidas
dos passos que vão lançando
cantando o mesmo destino.

Suku yangue, Suku yangue
cantigas ao vento Norte
perdidas no horizonte
cantigas que vão para a morte
dum mundo sem horizonte!...

(Suku yangue!
oh meu Deus.)

MOCINHAS

Tuhàtu

Moxi, vivari, vitatu, vicuana
todas quatro se alongando
em sombra na terra plana.

Levam braços levantados
moxi, vivari, vitatu, vicuana
em sombras longas na chana.

Tuhàtu no caminho de pé posto
todas quatro à hora do sol posto.

Tuhàtu no caminho e já tombando
o sol seus corpos moldando.

Tuhàtu no caminho—noite fechada
moxi, vivari de boca calada.

Tuhàtu no caminho e longe o quimbo;
sobre a noite desceu cacimbo.

Moxi, vivani, vitatu, vicuana
todas quatro se perdendo
pelos caminhos de lama.

Levam olhos marejados
pelos desertos da chana.

NÃO HA MAL QUE SEMPRE DURE

"Chipepa chípua, chibala chirimba..."
Canção débil me traça em tom antigo
coroas de flores tecidas da cacimba
da ideia vaga do Sul que anda comigo.

Chipepa chípua, chibala chirimba
na hora vaga do meu país em dia
a toada morna duma incerta marimba
plange o Sol triste dum ar sem alegria.

Horas pálidas deste meu confuso ocaso
feitas de oiros antiquados que encontrei
e a que um fortuito encontro me deu aso.

Definho-me porque existo, planta em vaso,
já achando errado o curso que busquei
me perco em luzes neutras pelo Acaso.

PALMAR

Quando eu voltar quero ficar morando
num palmar à beira d'água;
Um palmar sem domingos
com os dias sempre iguais.
Um palmar com toda a singeleza,
sem inquietação nenhuma,
Um palmar que seja verde ao Sol!
Quero voltar e ficar assim, morando
Numa quietude suave e tropical
Num palmar sem domingos...

SAUDADE

Meu gesto impreciso
é um esboço de viagem...

Que cada folha da floresta
seja luz na saudade que tenho.
Esta tarde é uma Festa
com que os olhos me entretenho.

Ai! Não me digam nada;
Esta tarde traz a aragem
de outras terras de que venho.

Ai! Não me digam nada;
Deixem-me ganhar coragem
para viver o que não tenho...

AGUARELA

Sépia sobre o ouro
do sol poente.

Lágrimas de prata
em minhas mãos.

No meio do chão
sangrando e vazio
de tanto sonhar
o coração vasado.

....

No escuro da gruta
as fontes jorrando.

Palavras inuteis
por olhos sombrios.

Sépia sobre o ouro
do sol poente.

Lágrimas de prata
em minhas mãos.

KALAHARI

Grande, imenso é o deserto e mais vazio
por inutil a fonte sêca que se tinha.
Passa o vento e da areia que me cerca
sinto todo um sepulcro que me mata.

Não importa a arvore morta que braceja...
mais vazio é o horisonte que desenha,
a abstracta linha crua de afastada
lonjura, onde o colorido é monotono e igual.

Tal como os dias que imutáveis passaram
inexoráveis, sol após sol, sobre o deserto
Já ressequido dessa sede de desejos

que o faz ser mais deserto do que eu sinto,
mentindo, na presença seca dessa fonte
uma promessa de frescura que renega.

O CACTO

Aquele cacto tinha mesmo uma expressão.

Parece que sofria e que calava
por a dor ser tanta que seria
demais para contar a quem passava.

Quando chovia ficava ainda mais triste.

A água tombava em gotas e escorria
e eram lágrimas de dor o que chorava
e a sua dor era enorme e persistia.

E quando um dia acabou por abandonar-se.

Caíu desamparado no pó que o sustentava
e a terra suavemente o acarinhou
como se fosse um filho querido que voltava...

TARDE

A tarde escaldante
Despiu-se ao Sol!

Dentro às grades da janela
os meus olhos sonolentos
fazem castelos de areia
escancarados aos ventos.

Dentro às grades da janela
com uma tinta incolor
estou pintando uma paisagem
brilhante como o calor.

A tarde escaldante
Abriu-se ao Sol.

PANGUI AMI

Pangui ami meu amigo...

Aqui estou ainda esperando;
quem espera desespera
aqui estou sempre esperando.

Pangui ami meu amigo...

Neste crespúsculo incalmo
há uma loucura que vem
perturbar a minha alma.

Pangui ami meu amigo...

Estou preso no pensamento
papagaio de papel
em busca de firmamento.

Pangui ami meu amigo...

Não há no meu sofrimento
senão a dor incoerente
que não é dor e é tormento.

Pangui ami meu amigo...

Aqui estou ainda esperando
quem espera desespera...
aqui estou sempre esperando.

Pangui ami meu amigo...

Sonhando sei que me minto
e que falseio o que sinto
alegremente cantando,
e a mim me enganando...
mas quero viver prosseguindo
na doçura de ser assim, mentindo!

ROMARIA

Sento-me à beira de mim
debruçado sobre o fundo
da alegria desta gente
à espera que chegue o fim.

Está sosinha a mimha mão
tenho só esta incerteza
da minha melancolia
fechada no coração.

Sou como um vago cigano
Nesta longa Romaria...

"Ó Rosa arredonda a saia
Ó Rosa arredonda-a bem!"

Eu canto escondendo dores
e vivo porque me engano.

O presente é já passado,
minha voz está-se sumindo...

Ó Rosa arredonda a saia...
Porque choras minha Mãe?

Guardo a força que me deste
no dia em que fui gerado.

Estou sentado estou sentindo
que ela está me abandonando
a feira está-se acabando
no meu sonho quasi findo.

ESPELHO

Folgo chorando, incertas agonias
soletrando palavras que o destino
me escreveu quando eu menino
num engano de inúteis alegrias.

Um medo angustioso me domina
da sombra que ainda faço no espelho
estou-me desfazendo, já sou velho
na imagem que me morre na retina.

VIDA

Se isto que arrasto pesaroso
dia após dia, sobre mim
É a tal vida tão apregoada
então não vale a pena ser vivida!
Coisa alguma em mim sonhada
senti jamais realizar-se,
meus passos magoam o receio
duma ladeira a acabar-se
no profundo do abismo
duma cova limitada;
Norte, Sul, Leste e Oeste
e a pesada escuridão
que esmagará no seu seio
as tábuas do meu caixão.

PALÁCIO

No meu Palácio vazio
os reposteiros são como enforcados
pendendo dos varais, emurchecidos!
Ao fundo da imensa galeria
a escadaria, longa e pálida
na sua côr de mármore funéreo
vai descendo suavemente,
até à praia tristonha,
onde o mar destrambelhado
em ondas verdes de bilis
ruge dores de animal ferido
em noites de assombração.
É lá que guardo o meu sonho
na severa companhia
dos retratos poeirentos
da sala nobre vasia!
É para lá que às vezes fujo,
quando me sinto cansado
e o mundo me enjoa tanto
que a ele prefiro o silêncio
do meu palácio vazio.

SAUDADES

Tenho para mim ser a mesma rua
a mesma casa, a mesma lua
tenho por isso saudades
porque eu é que não sou mesmo
e o que de mim foi perdi-o a esmo
tenho por isso saudades
Meu passado é um tesoiro de ametistas
joias tristes apenas entrevistas
A vida que era uma bela flor vermelha
de repente murchou e ficou velha
tenho por isso saudades
Saudades, não da vida que passou
mas saudades da saudade que ficou
tenho por isso saudades
Embora seja esta aquela mesma rua
a mesma casa a mesma lua

XADREZ

Na névoa duma noite fantasiosa
tive um sonho a branco e preto,
em que tudo era triste:
Sinos brancos dobravam ao Poeta,
a Dama Preta, era morta
no xadrez que me sonhava...
Rei preto em casa branca,
Rei branco em casa preta...
Minha Dama era ganhada
a Dama Preta era morta
e a minha Torre perdida!
Os mensageiros, sem Norte
andavam correndo ao vento...
Sinos brancos dobravam ao Poeta
no meu Sonho a branco e preto.

FLORES

Noite transfigurada em mil abismos
que albergas impossíveis corpos
de meus desejos, bem escondidos
no fundo do meu ser inadaptado.

Traz-me agora as esquecidas flores
que outrora vicejavam em meus lábios
traz-me agora as esquecidas flores
feita chamas de volúpia e côr.

Noite transfigurada em mil abismos
rasga o horizonte inconsistente
que pende em intangíveis dobras.

Sobre os meus olhos quietos e vasios,
traz-me agora as esquecidas flores
para alegrar o que sou porque ainda existo.

EPITÁFIO

Sob o silêncio da pedra
distante como a lonjura
jaz o amigo indiferente!
Sobre o seu peito
desfeito.
Inocente, a erva medra!
Apodrece vagamente
satisfeito.
E esquece lentamente
sob o silêncio da pedra.

ELEGIA

Morta, de branco, tão branco, indiferente
Tombada a cabeça, cerrados os olhos;

Passo esboçado, sorriso concebido...
Teu fim foi um gesto interrompido
Que poderei pensar para ti, agora?

Que poderei dizer para ti, agora?
Agora que nada mais importa...

Que desespero sinto em minhas mãos
Agora, que nada mais importa...
Agora Irmã que tudo é vão... Agora.

Tua vida quebrada como uma corda
Que não chegou sequer a vibrar

Tua vida preciosa e clara flama
Que ornava de azul os nossos sonhos

Tua vida quebrada na hora ansiosa
Incerto luar dum poema inconsistente.

Tua vida Irmã, preciosa e clara...
Tua vida Irmã, preciosa e triste

Teus cabelos Irmã negros que eram
Teus cabelos Irmã...

Agora...
Agora que nada mais importa...

DIA

Ai quanto, quanto me custa
ver passar um outro dia...

Cada noite é um tormento:
quando meus olhos se cerram,
faço meus sonhos de pranto:
e sinto confusamente
mil saudades do presente.
Já nem sei se é sofrimento
se são meus olhos que erram
o Norte do meu encanto.

Ai quanto, quanto me custa
ver passar um outro dia...

LAMENTO

Lua cheia e meu coração vazio
Todo o mundo alegre e eu só tão êrmo...
carícias adormentadas em meus dedos
e meus sentidos a murmurar segredos
que morreram sem acharem o seu têrmo...
Lua cheia e meu coração tão triste,
E as árvores, todas floridas de Poesia;
minhas mãos ansiosas de sozinho
tombadas na areia da côr de fantasia
deixam meus olhos olhando o céu sem sombra
como dois cegos errando num caminho.

PALAVRAS

Queria que meus versos fossem sonhos
para não existirem realmente
para que se não formassem das palavras
que vão de boca em boca a toda a gente.

Queria que fossem construidos de matéria
que existe dentro ao som mais transparente
queria que tivessem, invisível, a doçura
duma flor tropical tíbia e fremente.

Queria que se ouvissem com os olhos
e se escoàssem sempre inexoràvelmente
nos mais profundos recantos
duma ternura azul quase indiferente.

CURVA

Lemniscata, de elegância vaga
Pálida sombra de solenes teorias
Curva fechada de incertas agonias
Lemniscata, de elegância vaga.

Minha vida é uma equação perdida
fútil sorriso dum inverno frio...
Meninas dos meus olhos—Vêde o rio
aonde esta Canção vai confundida.

Muros duma cidade insuspeitada
Estão esperando que chegue o "Prometido"
Sobre a Ponte com seu branco vestido
espera por mim a pálida Alvorada

Mentira dos sentidos, verdadeira,
candida torpeza deste engano
venturoso amargor de ser humano
nas luzes desta viagem derradeira.

Lemniscata de elegância vaga
Pálida sombra de solenes teorias
Curva fechada de incertas agonias
Lemniscata de elegância vaga...

ILHA DE AVENTURA

Gosto da noite azul que mal me traça
um longo gesto pela solidão.
Teu corpo presente não me basta
às Ilhas de aventura que sonhei
Nossas mãos frementes e inquietas
estão juntas neste instante,
mas eu, quero ir para a noite fria
que me chama com luzes, dos teus olhos!
Quero levar-te comigo toda inteira
corpo e alma, ardor e fantasia...
Teu corpo presente não me basta
às ilhas de aventura que sonhei.

SONETO

Tu, inexistente, das mãos feitas de prata:
deixa tombar meu morno devaneio
embala no olhar meu doido anseio
de trocar por um sonho a vida ingrata

Peço que não fales, que não estragues
o gesto de prata, de tuas mãos compridas
em geitos de incoerencias insofridas!
Peço, que de manso venhas, e me afagues

Para que acalmes a fera que pressinto,
que chegues perto à chama e não a apagues
com todas as palavras que te minto

Para que manso me enleves no teu gesto
e num sorriso vago em que me esmagues
a dor que embarco nesta nau que apresto.

CENÁRIO NOVO

Tomei uma estrela na ponta de meus dedos
diante de vagas, longas, ruínas,
feitas de coisas tristonhas
Todas as bandeiras rubras que vibraram
nos meus desejos inquietos
foram morrendo sem erguer em chamas
o fogo que guardava nos meus lábios.
A calma desceu como um cenário novo
na sombra da minha alma;
Porque o acaso quiz que eu encontrasse
uma estrela clara na ponta dos meus dedos.

REPOUSO

Este silencio é menos que descanso
canta no vazio, e eu te escutarei
Canta-me baixinho que seja mui de manso
para embalar novos sonhos que farei.

Com tuas palavras claras e estranhas
encherei por fim o vácuo deste espaço
e pousarei minha cabeça descansando
no quente acolhedor do teu regaço.

Tuas palavras tão claras e cinzentas
musicais e lentas sobre o meu cansaço...
Canta-mas baixinho que seja mui de manso
musicais e lentas sobre teu regaço.

PEDIDO

Qando eu morrer querida
não me rezes por favor;
Planta um cacto sobre mim
Sequioso como eu fui,
e sempre triste, sempre
com os braços levantados
à espera duma benção esquecida
Planta um cacto e esquece.
Não mais olharei sombra
Só o sol aberto e inteiro...
Não haverá pássaros cantando
só uma nuvem de quando em vez
me dará lágrimas frias...
Apenas tu mulher de vez em quando
me darás lágrimas tristes...
Para meus braços solitários
à espera duma benção esquecida
Planta um cacto e esquece;
Não me rezes por favor.

Não me digas que a Vida é um sonho vazio
e que as coisas não são aquilo que parecem.

Que somos pó sómente e pó nos tornaremos
e que não existem alegrias nem tristezas.

Mas apenas a vida igual todos os dias
com os corações apressados só batendo.

O compasso da marcha triste que se acaba
sob as pedras grisalhas do silêncio...

Creio no futuro como creio no que tenho
que morra só o passado porque é morto.

Não me digas que a vida é um sonho vazio
ou rastro vago sobre as areias dos tempos...

Deixa-me viver a minha vida toda inteira
talvez que ela seja sublime e ninguém saiba.

Nunca as vagas se calam
nem meu coraçãe também
meu coração impaciente...

Se não fôssem tuas mãos
matar-me a sede de sonhos
matar-me a sêde de além
em que de manso me embalam

Não sei de mim, que seria
nestes caminhos do mundo
nestas vagas do mar verde
bem no fundo da minha alma!...

Nunca as vagas se calam
nem meu coração também
meu coração impaciente.

CAMINHO

Tenho achado meu caminho
em que outrora era perdido...
Sou como o Era-não-Era...
Tenho achado meu caminho
e perdido o meu destino.

Tenho comigo o meu sonho
em que outrora me embalava
Sou como o Era-não-Era...
Tenho comigo o meu sonho
e estou sonhandc como estava.

Tenho achado o meu caminho
foi meu guia esta canção
Sou como o Era-não-Era...
Tenho achado o meu caminho
...na palma da tua mão.

PRESENÇA

Quero que sejas presente
para que não seja finda,
ainda,
a impressão candente
da tua bôca entreaberta
no beijo profundo,
tocada de graça incerta,
que a tua bôca fremente,
deixa,
com uma tristeza de queixa,
na minha bôca deserta.

HISTORIETAS

Não fales, não digas nada
não acordes as estrelas
não assustes o silêncio...
Deixa só, devagarinho,
minhas mãos, tremulamente
embalar o teu cabelo...

◆

Quero ser brinquedo em tuas mãos de criança
para cair, sem sentir, num sono sem desejos...
Queria ser inerte em tuas mãos de outrora
para que esse sono descesse sobre nós,
com um silencio de benção ignorada.

DISTÂNCIA

Quando à noite foi escorregando sôbre mim
veio caindo em minha alma esta tristeza
e a saudade de Ti foi uma lança aguda
que ficou a ferir-me inexoràvelmente.

Quando as estrelas bocejaram lumes
pedi à mais brilhante que contasse
aqueles vagos segredos que confiamos
no verão distante em que estivemos juntos.

Mas Ela olhou e ficou alta e calma
e em mim tombou o desespero enorme
de estar longe de ti estando tão perto.

CONTO

Doce é o conto que me conto
enquanto que em mim sinto,
a doçura de não ser sòmente,
a quentura calma e baça,
do tempo que passa, quente,
na tarde quente que passa.

Meu momento tem um ponto
soluço negro de tinta:

Deixa que passe o tempo
e entrega-me o teu braço...

Não deixes que o tempo seja
sobre mim ponto final;
Deixa-me ser, junto a ti
mais uma vez teu abraço.

QUANDO VOLTAR

Que importa a terra seja acre
a fonte escassa e o Sol ardente?...

Flores ignoradas espalharão o seu perfume para que tu
o aspires silenciosamente nos meus braços descansados.

Que importa não existam rouxinois
Nem haja pinheirais de agulhas verdes?...

O "Gundo Andala" embalará teus sonhos e novas flores rutilantes
Te esfumarão na memória a urze humilde que uma vez juramos.

Liberto o coração doutros anseios
Será então completamente teu.

E outras nupcias teremos celebradas nas sombras das novas
florestas
sob douradas estrelas do Cruzeiro a derramar a luz por entre
as folhas

Que importa a terra seja acre
a fonte escassa e o Sol ardente?...

Pertencer-te ei inteiramente e em minha boca não haverá então
O travor amargo do exílio... e teus olhos verdes serão mais
verdes...

Então!

VOCABULÁRIO

Pag. 11 — Muceques — Bairros indígenas de Luanda
» 20 — Obó — Mata
» 22 — Quinhentas — Pequena medida usada em Luanda
» 23 — Hamba-Mahamba — Feitiço de feitiços
» » — Quimbanda — Feiticeiro
» » — N'goma ou goma — Tambor cilíndrico
» » — Chirulos — homens feras. Lobisomens
» » — Cazumbiri — Almas penadas
» 24 — Muquixe — Bailarino mascarado
» 26 — Tatièiêtu... Tatié — Pai nosso... Pai
» 29 — Chingufos — Tambores rectangulares de madeira
» 30 — Quissange — Pequeno instrumento musical caracteristicamente angolano
» 31 — Inene — Grande
» » — Muximas — Entranhas
» » — Pacaça — Búfalo
» 35 — Anharas — Planícies
» » — Imbondeiro — Baobab
» 36 — Feka yangue — Minha terra
» 38 — Tuhàtu — Mocinhas
» » — Moxi, vivari, vitatu, vicuana — Um dois três quatro
» » — Chana — Charneca
» 39 — Chipepa chípua chibala chirimba — O bom acaba mas o mau não fica
» 48 — Pangui àmi — Meu amigo

INDICE

Deixo ao cuidado de quem
lê a correcção das erratas.